

MODERNIDADE, IDENTIDADE E AGÊNCIA HUMANA NO PENSAMENTO DE CHARLES TAYLOR

José Pedro Kunhavalik¹

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
jkunhavalik@uesb.edu.br

Vangéria Teixeira de Souza²

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
vangeriauem@gmail.com

Resumo: Charles Taylor pode ser considerado um dos grandes expoentes do pensamento filosófico e das ciências humanas na atualidade. Este texto é resultado de uma pesquisa realizada na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. O objetivo é o de compreender como Charles Taylor aborda os temas da modernidade, da identidade moderna e da agência humana. Taylor argumenta que o agente humano é dotado de uma ontologia moral, e que a experiência humana está essencialmente vinculada a pré-condições físicas (estamos falando de um agente corporificado) e simbólicas. Quando o agente humano vem ao mundo, a linguagem e os significados já estão disponíveis. Taylor se reporta a uma característica comum da vida humana que é seu caráter fundamentalmente dialógico. Abordando a agência humana a partir das teorias expressivistas, o autor argumenta que os indivíduos articulam formas significativas para expressar valores. Para o filósofo canadense, é por meio da aquisição de linguagens humanas ricas de expressão que os agentes humanos podem se tornar completos, capazes de entender a si mesmos e de constituir uma identidade. Os pressupostos teóricos-metodológicos elaborados por Quentin Skinner acerca da história do pensamento político e intelectual contribuiu para compreender as ideias de Charles Taylor.

Palavras-chave: Charles Taylor, Identidade, Agência Humana.

INTRODUÇÃO

O filósofo e cientista social canadense Charles Taylor é autor de uma vasta obra que abarca diversas problemáticas teóricas. Primeiro podemos destacar as discussões que Taylor faz acerca da modernidade, do modo como diferentes autores interpretam os “Mal-estares da Modernidade” e a crítica que Taylor faz a tais interpretações. Taylor procura compreender as diferentes facetas da identidade moderna e, para isso, reconstitui as diversas concepções modernas do que significa ser um agente humano, uma pessoa, ou um *self*. Outras

¹ Doutor em Sociologia Política (UFSC). Professor da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia.

² Especialista em História e Humanidades (UEM). cursando especialização em Políticas Públicas e Gestão Educacional (UESB). Membro do Grupo de Estudos e Pesquisa Movimentos Sociais, Diversidade e Educação do Campo (UESB).

problemáticas teóricas abordadas por Taylor que devemos destacar são: discussão acerca da teoria da ciência; debate acerca de uma antropologia filosófica; a elaboração de uma teoria da linguagem expressivista; escritos sobre teoria política e filosofia moral; elaboração de uma teoria do reconhecimento; discussões acerca do multiculturalismo; uma interpretação do pensamento de Hegel, bem como discussões de temas vinculados ao republicanismo. Todas estas problemáticas teóricas estão articuladas na obra de Taylor.

Dentre as principais influências incorporadas por Taylor, destacam-se autores como Hegel, Herder, Wittgenstein, Heidegger e Merleau-Ponty.

O que se propõe neste texto é mostrar como Taylor aborda alguns dos temas assinalados acima, temas que consideramos relevantes para pensar o mundo contemporâneo e a agência humana neste contexto. Deste modo, foca-se aqui no pensamento de Taylor e assinala-se pontualmente a importância do pensamento de Taylor para a educação. Quando se discute, por exemplo, a questão da formação da agência humana, da pessoa, estamos tratando da questão da educação em um amplo sentido.

Na elaboração deste trabalho reporta-se aos pressupostos teórico-metodológicos constituídos por Quentin Skinner concernentes à abordagem da história do pensamento político, social e intelectual. O inglês Quentin Skinner é um dos principais pensadores ligados à denominada Escola de Cambridge; escola que construiu sua própria perspectiva de análise daquilo que podemos denominar de História Intelectual, ou História dos Conceitos. Ou seja, qual a melhor metodologia para se empregar no processo de compreensão das ideias elaboradas seja por intelectuais, seja por agentes sociais e políticos.

APONTAMENTOS ACERCA DO PENSAMENTO DE CHARLES TAYLOR

Em sua obra o filósofo e cientista social canadense Charles Taylor procura discutir a questão da modernidade e compreender a formação da agência humana e da identidade moderna, suas diferentes facetas. Procura reconstituir as diversas concepções modernas do que significa ser um agente humano, uma pessoa, ou um *self*. Disso resulta ainda a necessidade, de acordo com Taylor, de entender como a concepção de bem evoluiu no contexto da modernidade.

Taylor observa que vários pensadores têm feito críticas à modernidade, mostrando os aspectos negativos da mesma. O autor canadense fala em mal-estares da modernidade, entendendo que são características da nossa cultura e de nossa sociedade contemporâneas

experienciadas pelos indivíduos como uma perda. No entanto, segundo Taylor, o modo como o debate acerca dos mal-estares da modernidade é conduzido não é esclarecedor e nos impede de compreender tais problemas e de atuarmos melhor.

No período anterior à modernidade, as pessoas se viam como fazendo parte de uma ordem maior. Esta, ao mesmo tempo em que limitava as pessoas, dava também significado ao mundo e às atividades sociais. O que levou essas ordens ao descrédito é o que comumente se denomina de desencantamento do mundo, noção amplamente debatida por Max Weber. Taylor entende que desencantamento do mundo significa a primazia da razão instrumental. Esta seria “o tipo de racionalidade em que nos baseamos ao calcular a aplicação mais econômica dos meios para determinado fim. Eficiência máxima, a melhor relação custo-benefício, é sua medida de sucesso” (TAYLOR, 2011, p. 14).

Nota-se que a perda dos horizontes sociais e cósmicos foi marcada por um estreitamento. As pessoas perderam uma visão mais ampla de seus horizontes e centraram-se em suas vidas individuais. Segundo Taylor, o aspecto sombrio do individualismo é o “centrar-se em si mesmo, que tanto nivela quanto restringe nossa vida, tornando-a mais pobre em significado” (Idem, p. 14), e cada vez menos preocupada com o coletivo, com a vida em sociedade.

Analisando a pesquisa do teórico Allan Bloom acerca da juventude instruída, Taylor observou que o principal aspecto analisado por Bloom no que se refere à vida daquela juventude, foi a aceitação do relativismo de uma forma um tanto fácil. “Todos possuem os próprios ‘valores’, e sobre eles é impossível discutir” (TAYLOR, 2011, p. 23). Para Taylor, Bloom notou que essa não era apenas uma posição epistemológica, mas, sobretudo, era o sustentar de uma posição moral. O respeito mútuo é o princípio que deve fundamentar o relativismo. Taylor conceitua o relativismo como “uma ramificação de uma forma de individualismo, cujo princípio é algo assim: todo mundo tem o direito de desenvolver a própria maneira de viver, fundamentada no próprio sentido do que é realmente importante ou de valor” (Idem, p. 23).

Isso mostra claramente que cada um pode e deve buscar sua própria autorrealização. “Em que isso consiste, cada um deve, em última instância, determinar por si mesmo. Nenhum outro pode ou deve tentar ditar seu conteúdo” (Idem, p. 24). A isso Taylor denomina de individualismo da autorrealização, o que é bastante comum nos dias atuais, tendo adquirido força a partir da década de 1960, especialmente nas sociedades ocidentais. Segundo Taylor, este relativismo, atualmente defendido de forma aberta, é um engano profundo, pois é

possível observar que muitas pessoas foram levadas pela cultura da autorrealização a perderem as preocupações transcendentais. Taylor entende que “o ideal moral por trás da autorrealização é o de ser fiel a si mesmo, em um entendimento especificamente moderno do termo” (Idem, p. 25). Para Taylor, ideal moral significa “um quadro de como seria um modo de vida melhor ou mais elevado, onde ‘melhor’ e ‘mais elevado’ são definidos não em relação ao que possamos desejar ou precisar, mas sim oferecer um padrão do que devemos desejar” (Idem, p. 25).

De acordo com Taylor, “o que se perde nessa crítica é a força moral do ideal de autenticidade. Ele está, de alguma maneira, sendo implicitamente desacreditado junto com suas formas contemporâneas” (Idem, p. 26). Para Taylor, ao adotar o ideal da cultura da autenticidade, homens e mulheres estão apoiando certo tipo de liberalismo, conceituado pelo autor como liberalismo da neutralidade, cujos princípios básicos é que a sociedade liberal precisa ser neutra a respeito de questões sobre o que constitui uma vida boa.

Assim, para o pensador Charles Taylor, a autenticidade deveria ser levada a sério como um ideal moral, pois, segundo o escritor, a autenticidade é um ideal válido, que poderá ser discutido de forma racional acerca de ideais e da conformidade das ações a esses ideais e certamente esses argumentos podem fazer diferenças.

Taylor se reporta a uma característica comum da vida humana que é seu caráter fundamentalmente dialógico. Como agentes humanos, temos a capacidade de entendimento de nós próprios, bem como a capacidade de definir uma identidade desde nossa aquisição de linguagens humanas ricas de expressão. Taylor chama atenção para a discussão da “linguagem”, no seu sentido abrangente, que não são apenas as palavras que pronunciamos. São também outros modos de expressão através dos quais definimos a nós mesmos, “inclusive as ‘linguagens’ da arte, dos gestos, do amor e similares. Mas somos introduzidos nestas últimas pela troca com os outros. Ninguém adquire as linguagens necessárias para autodenificação por si mesmo” (Idem, p. 42). Nós somos apresentados às linguagens a partir da relação com os outros, do processo de socialização. “A gênese da mente humana, nesse sentido, não é “monológica”, não é alguma coisa que cada um conquista sozinho, mas dialógica” (Idem, p. 43). Todavia vale ressaltar que esta conquista da gênese da mente humana, conquistada de modo dialógico, deve prosseguir usando-a para o interesse coletivo. Assim:

Espera-se que nós desenvolvamos nossas próprias opiniões, perspectivas, posições em relação às coisas, até um grau considerável através da reflexão

solitária. No entanto, não é assim que as coisas funcionam com as questões importantes, tal como a definição de nossa identidade. Nós a definimos sempre em diálogo, por vezes em conflito, com as identidades que nossos outros significativos querem reconhecer em nós. E, mesmo quando superamos alguns dos últimos – nossos pais, por exemplo – e eles somem de nossa vida, a conversa com eles continua em nós pelo tempo que vivemos (Idem, p. 42-43).

Pensando sobre o significado de “identidade”, Taylor formula a seguinte indagação, “quem” somos, “de onde viemos?”. E, na sequência, argumenta: Como tal, “é o pano de fundo contra o qual nossos gostos e desejos, opiniões e aspirações fazem sentido. Se algumas das coisas que mais valorizo são acessíveis a mim apenas em relação à pessoa que amo, então ela se torna interna a minha identidade” (Idem, p. 44). Nesse sentido, o autor ainda argumenta que “A formação e manutenção de nossa identidade, na ausência de um esforço heroico para sair da existência ordinária, permanecem plenamente dialógicas em nossa vida” (Idem, p. 44-45).

Taylor assinala que quando chegamos a entender o que significa nos definir; quando conseguimos “determinar em que nossa originalidade consiste, vemos que temos de tomar como pano de fundo algum sentido do que é significativo. Definir-me significa encontrar o que é significativo na minha diferença dos demais” (Idem, p. 45). Se me defino pela minha capacidade de articular verdades importantes, ou por reavivar a tradição de meus antepassados, por exemplo, significa que estou no campo de autodefinições que sejam reconhecíveis. Os atributos assinalados acima pelos quais posso me definir possuem significado humano. Para Taylor, o relativismo suave destrói a si mesmo. Entramos aqui no que Taylor denomina de horizontes.

Uma das coisas que não podemos fazer, se vamos definir nós mesmos significativamente, é suprimir ou negar os horizontes contra os quais as coisas adquirem significado para nós. Este é o tipo de movimento autodestrutivo que não raro é realizado em nossa civilização subjetivista (Idem, p. 46).

Taylor afirma que a autenticidade não pode ser defendida de modo que possa colapsar horizontes de significado. O ideal de autoescolha vai supor que existem de fato questões cujo significado vai além da autoescolha. Desta forma, o ideal não pode se manter sozinho, visto que ele exige um horizonte de problemas de importância, que certamente vão ajudar a definir os aspectos através dos quais autofazer é significativo. Assim, Taylor afirma que:

Apenas se existo em um mundo no qual a história, ou as demandas da natureza, ou as necessidades de meus pares seres humanos, ou as obrigações da cidadania, ou o chamado de Deus, ou alguma outra coisa dessa ordem importa crucialmente, eu posso definir uma identidade para mim que não é banal (Idem, p 49-50).

Em outro eixo da crítica à cultura da autenticidade, Taylor observa que ela encoraja uma compreensão puramente pessoal de autorrealização, tornando dessa forma as diversas associações e comunidades nas quais as pessoas adentram puramente instrumentais em seu significado. No sentido social mais abrangente, essa postura tem um caráter antiético, tendo em vista qualquer compromisso sério com uma comunidade. Como resultado, de acordo com Taylor, ocorre um declínio da cidadania política, entendida como sentido de dever e aliança com a sociedade política.

Reconhecer diferenças, como autosseleccionadas, requer um horizonte de significado – neste caso, um que seja compartilhado. (...) como desenvolver e cuidar das coisas em comum de valor entre nós se torna importante, e uma das maneiras cruciais com que fazemos isso é compartilhando uma vida política participativa. As próprias demandas de reconhecer a diferença nos levam além de mera justiça processual (Idem, p. 60).

Taylor entende que as formas autocentradas são desviantes em dois aspectos, pois “elas tendem a centrar a realização no indivíduo, tornando suas afiliações puramente instrumentais” (Idem, p. 65-66). Essas formas autocentradas acabam por impor um atomismo social. Assim, “tendem a ver a realização apenas como do self, negligenciando ou deslegitimando as demandas que vêm de fora de nossos próprios desejos ou ambições, sejam elas da história, da tradição, da sociedade, da natureza ou de Deus” (Idem, p. 66). Taylor ainda argumenta que

Nossa sociedade tecnocrática e burocrática dá cada vez mais importância à razão instrumental. Isso fortalece o atomismo, porque nos induz a ver nossas comunidades, assim como muitas outras coisas, em uma perspectiva instrumental. Também produz antropocentrismo (radical) (Idem, p. 66).

Diante do exposto, Taylor propõe que se deve lutar pelo significado de autenticidade, no sentido empregado pelo autor, bem como se deve buscar “persuadir as pessoas de que a autorrealização, muito longe de excluir relacionamentos incondicionais e exigências morais além do self, na verdade as requer em alguma forma” (Idem, p. 78). Sendo assim, o debate

não deve ocorrer acerca de ser contra ou a favor da autenticidade, mas sim em torno do correto significado do que seja a autenticidade. “Se autenticidade é ser verdadeiro para nós mesmos, é recobrar nosso ‘sentimento de existência’, então talvez só possamos alcançá-lo integralmente se reconhecemos que esse sentimento liga-nos a um todo maior” (Idem, p. 94).

Segundo Charles Taylor, pode-se afirmar que o mercado e Estado burocrático tendem a fortalecer uma configuração que favoreça uma posição atomista e instrumentalista diante do mundo e dos outros. O autor entende que essas instituições não possam ser abolidas. O fato de termos que viver com elas, tem muito a ver “com a natureza infinita e insolúvel de nossa luta cultural” (idem, p. 110), pois, “embora não haja uma vitória definitiva, existe ganhar ou perder terreno” (Idem, p. 110). O autor canadense entende que uma sociedade fragmentada é constituída por indivíduos que “acham cada vez mais difícil identificar-se com sua sociedade política como uma comunidade”. (Idem, p. 116).

Um aspecto relevante no pensamento de Taylor, está no debate acerca da expressividade humana desde o romantismo alemão. O expressivismo de Johann Gottfried Herder desenvolve um papel importante no pensamento de Taylor por representar uma das primeiras correntes a se contrapor a um modo de entendimento do sujeito desprendido. Taylor considera que o referido debate é essencial para se compreender o momento histórico da atualidade; compreender a agência humana. Taylor assume uma posição no debate atual da filosofia política por meio das teorias expressivistas. Paulo Roberto faz a seguinte afirmação acerca do pensamento de Taylor: “O seu pensamento procura compreender as ações que buscam exprimir concepções morais por intermédio dos seus agentes. Agindo, o indivíduo procura articular formas significativas para expressar valores” (ARAÚJO, 2004, p. 23).

De acordo com Taylor, é por meio da aquisição de linguagens humanas ricas de expressão que os agentes humanos podem se tornar completos, capazes de entender a si mesmos e de constituir uma identidade. A noção de “linguagens” humanas usada por Taylor significa não só a linguagem propriamente dita, mas linguagens da arte, dos gestos, do amor, etc. Os agentes humanos só tem acesso a essas linguagens a partir de um processo dialógico, a partir da relação com os outros significantes. Ninguém adquire essas linguagens por si mesmo.

A noção de horizonte de significado tem grande relevância na reflexão de Taylor acerca da agência humana. O self não está sozinho no mundo, não pode ser considerado de forma isolada, não pode ser um self isolado. Há um horizonte de significados que o transcende, o self engajado está situado no interior de uma comunidade linguística. Esse

horizonte de significados ou, como por vezes Taylor denomina de pano de fundo, seriam as tradições, a cultura, a ciência, instituições de ensino, religiosas, políticas. São horizontes de sentido a partir dos quais os agentes humanos organizam suas vidas. O agente engajado está inserido num contexto de interações complexas e elabora a sua identidade a partir das articulações do horizonte de significados. Como assinala Gualda, Taylor pensa numa antropologia humana distintiva em sua “capacidade de atribuir significação à experiência objetiva e adotar uma postura reflexivamente interpretativa das situações experimentadas” (GUALDA, 2010, p. 65). Taylor faz uso da noção de “*impregnação na prática*”, que se aproxima da noção de “*habitus*” empregada por Pierre Bourdieu. Este sociólogo francês compreende que os agentes são dotados de um “senso prático”. Bourdieu se reporta à noção de *habitus* usada na escolástica, noção que enfatiza a dimensão de um aprendizado passado. O sociólogo francês conceitua *habitus* como um “sistema das disposições socialmente constituídas que, enquanto estruturas estruturadas e estruturantes, constituem o princípio gerador e unificador do conjunto das práticas e das ideologias características de um grupo de agente³”. Sendo assim, o agente, através do *habitus*, interioriza as estruturas objetivas, ou seja, interioriza as normas e valores sociais, bem como os sistemas de classificação e os sistemas de pensamento.

O pensador canadense usa a expressão “*impregnação na prática*” para mostrar como ele entende as “causas diacrônicas em geral”. “Os tipos de idéias pelas quais estou interessado aqui – ideais morais, entendimentos da condição humana, conceitos do self – existem em sua maior parte na nossa vida por meio de sua *impregnação na prática*” (TAYLOR, 2005, p. 266). E o que Taylor entende por prática? Seria

praticamente qualquer configuração estável de atividade compartilhada, cuja forma seja definida por certo padrão de obrigações e proibições, pode ser uma ‘prática’ para meus objetivos. Nossa forma de disciplinar os filhos, cumprimentar-nos na rua, tomar decisões grupais por meio do voto em eleições e trocar coisas nos mercados, tudo isso é prática. E existem práticas em todos os níveis da vida social humana: família, cidade, política nacional, rituais de comunidades religiosas e assim por diante (Idem: 266).

As articulações, as ideias acerca das práticas existentes podem reforçar tais práticas, bem como podem elaborar críticas às mesmas. O modo como as ideias podem se entrelaçar com as práticas são muito variadas. Ao exemplificar, Taylor argumenta que:

³ BOURDIEU, Pierre. *A Economia das Trocas Simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 1982, p. 191.

A identidade moderna surgiu porque mudanças na autocompreensão ligadas a um grande leque de práticas – religiosas, políticas, econômicas, familiares, intelectuais, artísticas – convergiram e reforçaram-se mutuamente para produzi-la: por exemplo, as práticas de oração e ritual religioso, de disciplina espiritual como membro de uma comunidade cristã, de auto-exame na condição de um dos regenerados, da política do consentimento, da vida familiar resultante de casamentos baseados no companheirismo, da nova forma de criar os filhos que se desenvolve a partir do século XVIII, da criação artística sob as demandas da originalidade, da demarcação e defesa da privacidade, dos mercados e contratos, das associações voluntárias, do cultivo e demonstração de sentimentos, da busca do conhecimento científico. (...) Houve tensões e oposições entre essas práticas e as idéias que elas veiculam, mas elas ajudaram a constituir um espaço comum de compreensão em que nossas idéias atuais do self e do bem se desenvolveram (Idem: 268).

A agência humana situa-se, portanto, em um contexto cultural de significados, e sua articulação ocorre em relação a esse pano de fundo, a esse mundo significativo. De acordo com Gualda, “os seres humanos estão sempre e desde o início engajados numa teia de significados culturais pré-existentes e pré-interpretados, bem como estão inseridos numa rede de interlocução na qual dialogicamente negociam sua identidade com outros selves” (GUALDA, 2010, p. 64). No entanto, observa o autor, embora os agentes estejam num mundo intersubjetivo de significados,

é o próprio ser humano quem reinterpreta e altera o mundo significativo. Este mundo simbólico apresenta as motivações e disponibiliza os propósitos para as ações humanas. Assim, os seres humanos são sempre orientados por estas configurações valorativas que lhes oferecem os horizontes de significados possíveis. Nestas circunstâncias, essencial para a ação é a faculdade de atribuir, hierarquizar e fazer julgamentos morais com referência às configurações e seus múltiplos propósitos e motivações (Idem, p. 65).

Vale ressaltar que Taylor trabalha em sua obra a ideia do agente humano como dotado de uma ontologia moral. A experiência humana está essencialmente vinculada a pré-condições físicas (estamos falando de um agente corporificado) e simbólicas. Quando o agente humano vem ao mundo, a linguagem e os significados já estão disponíveis. Taylor estabelece uma relação entre self e bem. Bens como coragem ou dignidade, por exemplo, não existem numa ordem física ou metafísica. “Eles são reais porque a forma humana de *experienciar* o mundo e de se situar nele não podem ser compreendidas ou *praticadas* na ausência dessas configurações” (Idem, p. 53). Para a agência humana, as configurações valorativas são imprescindíveis. Não é possível conceituar a pessoa humana sem a referência a tais atributos que norteiam a ação num mundo moral. Essas configurações pertencem a um espaço comum

no qual somos introduzidos e aprendemos a acessar e compreender o que são raiva, amor, ansiedade, plenitude, dignidade, coragem e assim por diante. Daqui, posso seguir adiante e buscar minha própria maneira original de compreender a vida e os valores que a cercam, mas as configurações a que somos introduzidos conformam as regras do jogo e juízos básicos para que eu possa mover as peças (Idem, p. 54).

Para Taylor, na dimensão objetiva, as configurações valorativas são constitutivas e basilares para a própria experiência humana no mundo. Por outro lado, numa dimensão subjetiva, “os valores são articulados e distinguidos pelos agentes morais na orientação da ação humana, sendo esta atividade aquela considerada distintivamente humana (idem, p. 54)”. As configurações valorativas resultam da vivência humana histórica no mundo. Tais configurações estão na cultura e nas instituições das sociedades, mas também estão presentes em nossos interlocutores privilegiados, os interlocutores que partilhamos nossas vidas. Pais, amigos, amores, professores, familiares, adversários, etc. Todos eles estão numa jornada como a nossa; “avaliam, articulam, experimentam e agem no mundo fazendo uso das configurações valorativas” (Idem, p. 57).

Os seres humanos articulam e avaliam sentimentos e emoções relacionados a determinadas situações; são capazes de atribuir propósitos a si mesmos, bem como julgar propósitos. Os agentes humanos, além de propósitos acerca da sobrevivência, incorporam “elementos como orgulho, vergonha, bondade, coragem, maldade, dignidade, senso de valor, as várias formas de amor humano e assim por diante. Essas compreensões não são questões menores para a vida humana, pelo contrário, elas se apresentam como centrais ao curso de nossas vidas e ao tipo de narrativa ou sentido” (idem, 59) que os agentes humanos emprestam a elas. O agente moral reflete acerca de seus propósitos, bem como “guarda uma percepção avaliativa do mundo e é capaz de, a partir disso, realizar escolhas sobre como e em relação ao que agir” (idem, p. 60). Os horizontes de significados servem de parâmetro para que os agentes morais possam realizar as suas articulações, avaliar as situações nas quais se encontram e agir a partir de suas próprias avaliações. Nota-se, pois que a educação é uma dimensão essencial daquilo que Taylor denomina de horizonte de significado, bem como das configurações valorativas. A educação exerce um papel de destaque na formação da agência humana e, portanto, também na constituição da sociedade.

A obra desenvolvida por Taylor, especialmente seu debate acerca da antropologia filosófica, da linguagem e do expressivismo, bem como as contribuições do autor no que

concerne à ética da autenticidade, à ontologia moral e à noção de agência humana, temas que estão articulados em sua obra, reverberam de modo substantivo no campo educacional.

A partir destas considerações, pode-se depreender a importância da educação no sentido de contribuir para que os agentes humanos possam efetivamente acessar linguagens humanas ricas de expressão. Ao tecer considerações acerca da ética da autenticidade, Foschiera argumenta:

A autenticidade não é inimiga da educação, muito pelo contrário, o autenticamente humano só pode configurar-se num processo dialógico, de mútua implicação e onde o sujeito possa encontrar-se com o outro, com a cultura, com fins e objetivos que o transcendem. De igual forma, a educação familiar, escolar ou social precisa estruturar-se e encontrar-se com a subjetividade humana que se mostra nova e diferente em cada pessoa e em cada cultura. Um processo permanente de diálogo, encontro, questionamento, mudança, ampliação de horizontes e amadurecimento (FOSCHIERA, 2008, p. 253).

CONCLUSÃO

Nota-se, pois que a educação é uma dimensão essencial daquilo que Taylor denomina de horizonte de significado, bem como das configurações valorativas. A educação exerce um papel de destaque na formação da agência humana e, portanto, também na constituição da sociedade. A leitura que Taylor faz da sociedade contemporânea como sendo uma sociedade fragmentada, na qual os indivíduos muito pouco se identificam com a sociedade política ou comunidade na qual vivem, resultam, conforme argumenta o autor, em um frágil compromisso com a sociedade. Portanto, há um certo declínio da cidadania política. Diante disso, talvez seja uma relevante tarefa da educação reforçar uma racionalidade comunicativa, reforçar os interesses do mundo da vida e dar menor primazia a uma racionalidade instrumental. Reforçar a ideia de que os *selves* não podem ser considerados de modo atomizados, mas ressaltar a ideia de que os agentes humanos devem ter um vínculo ético com a sociedade na qual vivem; ressaltar a questão da eticidade. Os agentes humanos devem ter um compromisso ético com a sociedade, mas parece que, em certa medida, perderam essa capacidade.

REFERÊNCIAS

BOURDIEU, Pierre. *A Economia das Trocas Simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 1982.

FOSCHIERA, Rogério. *Autenticidade e Educação em Charles Taylor*. Tese de Doutorado, São Leopoldo: Escola Superior de Teologia/IEPG, 2008.

GUALDA, Diego de Lima. *Individualismo Holista: uma articulação crítica do pensamento político de Charles Taylor*. Jundiaí: Paco Editorial, 2010.

SKINNER, Quentin. “Significado y Comprensión en la Historia de las ideas”. Buenos Aires: Prismas, *Revista de Historia Intelectual*, nº 4, 2000.

TAYLOR, Charles. *A Ética da Autenticidade*. São Paulo: Realizações, 2010.

_____. *Argumentos Filosóficos*. São Paulo: Loyola, 2000.

_____. *As Fontes do Self: a construção da identidade moderna*. São Paulo: Loyola, 2005.

_____. *Hegel e a Sociedade Moderna*. São Paulo: Loyola, 2005.